

# Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*

*Enter your password: historians, computers and social networks*

Bruno Leal Pastor de Carvalho\*

---

## RESUMO

Há alguns anos, os computadores e, mais recentemente, as redes sociais *online* emergiram como um fenômeno social, político e cultural extremamente importante de nosso tempo, com reflexos nas mais diversas atividades profissionais e intelectuais. O artigo tem o objetivo de pensar a relação entre o historiador e os computadores, o historiador e as redes sociais na internet, em especial o caso da rede social Café História. Espera-se, assim, compreender melhor os pontos de contato das novas tecnologias da comunicação com a história. Palavras-chave: história digital; internet; redes sociais.

## ABSTRACT

Over the last years, online social networks became a global phenomenon with enormous social, economic and political relevance, impacting many professions and intellectual activities. The paper has two objectives: to discuss the relationship between the historian and those online social networks, and, in a general perspective, to discuss the relationship between historians and the new communication technologies, with Café Historia online network as a case study.

Keywords: digital history; internet; social networks.

CLIQUE AQUI PARA ENTRAR: COMPUTADORES,  
HISTÓRIA, HISTORIADORES

Nos últimos 30 anos, o rápido desenvolvimento do computador e da internet, combinado com outros avanços tecnológicos, sobretudo no campo das telecomunicações, teve um impacto substancial em praticamente todos os ramos da indústria, nas mais distintas atividades profissionais e, como não se

---

\*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), professor-tutor do curso EAD de história da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), bolsista-pesquisador do CNPq. Fundador e Editor da Rede Social Café História (<http://cafehistoria.ning.com>), [brunoleal2003@gmail.com](mailto:brunoleal2003@gmail.com)

trata apenas de uma transformação técnica, mas sobretudo filosófica e comportamental, na maneira como as pessoas se comunicam e experimentam a realidade. Isso já foi suficientemente notado por filósofos, sociólogos e estudiosos da comunicação, que, nas últimas décadas, vêm se debruçando cada vez mais sobre as chamadas “novas mídias” (cf. Castells, 1999; Lévy, 2007). Mas e o campo da história? Como ele atravessou essas transformações? Como os historiadores, cujo ofício combina os anseios do presente com a investigação do passado, relacionaram-se com as inovações tecnológicas surgidas após o fim da Segunda Guerra Mundial?

Foi em princípios da década de 1960 que os computadores atravessaram pela primeira vez de forma relevante o caminho dos historiadores e da história. Nessa época, além dos complexos militares, as universidades eram praticamente os únicos espaços onde era possível ter acesso a computadores. Eles eram máquinas enormes, ocupando salas, às vezes, andares inteiros. Diferiam totalmente dos computadores de hoje: na sua utilização, em seu custo, na operação e na configuração. A grande novidade do computador de então estava em sua inédita capacidade de fazer operações matemáticas complexas em um curto espaço de tempo. Daí o interesse das universidades: eles passaram a ser imprescindíveis para as ciências naturais. Não se estranha, nesse sentido, que até hoje salas de computadores sejam chamadas de “laboratórios”. Porém, não foram físicos e biólogos os únicos a se aproveitarem do poder de cálculo do computador. Os historiadores também. Aquela nova tecnologia logo se tornou um dos elementos centrais da chamada *história quantitativa*, uma modalidade historiográfica interessada nas grandes séries de dados históricos. Segundo José D’Assunção Barros,

O que a História Quantitativa pretende observar da realidade está atravessado pela noção do “número”, da “quantidade”, de valores a serem medidos. As técnicas a serem utilizadas pela abordagem quantitativa serão estatísticas, ou baseadas na síntese de dados através de gráficos diversos e de curvas de variação a serem observadas de acordo com eixos de abscissas e coordenadas. Algumas análises quantitativas mais sofisticadas poderão utilizar logaritmos, recursos matemáticos mais avançados como integrais e derivadas. O computador será, neste caso, de uma ajuda inestimável.<sup>1</sup>

Os computadores da época, cujo poder de processamento era muito superior ao de seus antecessores, permitiram que fosse analisado, processado e cruzado um volume de dados impensável para um simples mortal: listas de nomes, séries de preços, censos demográficos, registros de emigração, certidões de nascimentos e várias outras séries que permitiram traçar tendências, curvas e padrões sobre uma determinada realidade macro-histórica. Isso era uma mudança e tanto. Não só o volume de informação tratado era maior, mas podia-se agora avaliar um período de tempo mais longo e comparar dados de outras localidades. O computador fazia toda a parte matemática, liberando o historiador, como se acreditava, para as análises subjetivas. De acordo com François Furet, tratava-se de “preencher as lacunas da contabilidade nacional passada para eliminar-se o arbitrário” (Furet, s.d., p.59). Durante algum tempo, os historiadores, principalmente da área econômica, se viram completamente encantados por essa forma de fazer história. A *história quantitativa* foi um marco na tradição dos *Annales*.

Além dos franceses, os historiadores americanos, nesse mesmo período, também se apropriaram amplamente do computador como ferramenta de trabalho. Em 1962, foi criado, no âmbito da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, o Inter-University Consortium for Political and Social Research, o mais antigo centro de treinamento na área de história e computação (Figueiredo, 1997). E 4 anos depois ocorreu outra novidade: foi criada, também nos Estados Unidos, a Association for Computer and the Humanities (ACH) (Oliveira, 2005). O que mais se produziu naqueles anos, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, foram gráficos, tabelas e bancos de dados.<sup>2</sup> Era como se a história pudesse ser quantificada, e que tal exercício de contagem ajudasse a construir uma imagem mais aprimorada, precisa e totalizante do passado sobre o qual se interrogava.

Com o tempo, as promessas da *história quantitativa* foram duramente criticadas. Essa crítica começou ainda nos anos 1970, dentro do próprio movimento dos *Annales*, e expandiu-se nos anos 1980, quando outras correntes historiográficas apresentaram modos de fazer história que se pretendiam tão ou mais legítimos do que a metodologia mediada pelo computador. Em geral, os questionamentos sublinhavam que essa história numérica (*Cliometria*) levava a uma redução de muitas dimensões históricas, além de equívocos gerados por uma leitura demasiadamente matemática do passado (Furet, 1971).

De acordo com François Dosse, o encantamento causado pela *história quantitativa* tinha por base um discurso neopositivista que fetichizava o computador (Dosse, 2001, p.123). Essa crença exagerada na máquina pode ser exemplificada na frase, dita à época pelo famoso historiador francês Emmanuel Le Roy Ladurie: “O historiador de amanhã será programador ou não será” (Ladurie, 1968). Sobre Ladurie, Dosse fez uma dura crítica:

Ele apresenta o historiador transformado em minerador a levar para a superfície um material que deverá ser tratado pelos especialistas das ciências humanas. Não é possível descrever melhor a (de)missão do historiador, sua rejeição a um papel de mão de obra que trabalha por subempregada. O historiador deve contar e recortar, tanto as quantidades de trigo produzidas quanto os nascimentos, o número de invocações à Nossa Senhora nos testamentos, o número de roubos cometidos em um determinado lugar: “Em última análise ... não há senão história quantificável”. Esse entusiasmo pelo computador, oráculo dos tempos modernos, nasceu da desconstrução e acentua ainda mais a propensão ao estilhaçamento, à serialização, pois, embora se possam contar séries, não se podem contar sínteses. Outro efeito é privilegiar os fenômenos repetíveis, à longa duração, às permanências, e descentrar o homem como sujeito coletivo da história, massa que resista à quantificação. (Dosse, 2001, p.123)

Apesar das críticas formuladas à *história quantitativa*, o uso do computador propriamente dito já tinha feito adeptos fiéis e nunca chegou a esmorecer por completo. Entre 1972 e 1982, a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, fez a primeira experiência de integração entre o currículo de história e computação (Figueiredo, 1997). Testes semelhantes a esse aconteceram na Europa. A ideia por trás dessas disciplinas era tornar o pesquisador apto para trabalhar com o computador.

Outro importante sinal desse flerte entre a história e o computador foi a proliferação das associações. Em 1986, sublinha José Cláudio Alves de Oliveira, surgiu a Association for History and Computing (AHC), na Inglaterra, que, destacando-se na criação de eventos, periódicos e cursos, acabou por inspirar o surgimento de tantas outras com o mesmo perfil. No início dos anos 1990, “vinte e cinco países tinham suas próprias organizações [de história e computação] nacionais” (Oliveira, 2005).

No final dos anos 1990, é possível notar uma mudança de rumo importante. Até então, o computador tinha sido visto como um instrumento auxiliar da pesquisa histórica, um facilitador. Uma ferramenta fantástica, sem dúvida, mas ainda assim apenas um equipamento. Na virada do milênio, no entanto, o computador e as demais novas tecnologias que o acompanhavam, da telefonia móvel aos dispositivos de mão, mas principalmente a internet, evidenciaram que havia muito mais coisa em jogo. A questão extrapolava o campo da pesquisa. Ensino, divulgação e metodologia também deveriam ser incluídos nesse “pacote”.

Esse momento ao qual nos referimos coincide com a emergência de um campo de estudos que vem sendo chamado por muitos de *história digital*. Os americanos foram pioneiros. Entre 1997 e 1998, os historiadores William G. Thomas e Ed Ayers fundaram o Virginia Center for Digital History (VCDH), vinculado à Universidade de Virgínia, Estados Unidos. Eles explicam que, no âmbito desse centro, davam aulas em um seminário de pós-graduação intitulado Digital History of the Civil War, onde tratavam quase que exclusivamente de fontes da guerra civil americana digitalizadas (Cohen, 2008). Era só o começo. Nos anos seguintes, o conceito *digital history* começou a ser usado em outros contextos, empregado por outros pesquisadores, deixando de se referir apenas à digitalização de fontes históricas para abarcar as novas perspectivas no ensino (principalmente a distância), na elaboração de aplicativos, na construção de *softwares* educativos e de plataformas de divulgação da história, entre outras aplicações. Não existe ainda hoje um consenso sobre a definição de *história digital*. A definição de William G. Thomas é, no entanto, uma boa tentativa nesse sentido:

Digital history is an approach to examining and representing the past that works with the new communication technologies of the computer, the Internet network, and software systems. On one level, digital history is an open arena of scholarly production and communication, encompassing the development of new course materials and scholarly data collections. On another, it is a methodological approach framed by the hypertextual power of these technologies to make, define, query, and annotate associations in the human record of the past. To do digital history, then, is to create a framework, ontology, through the technology for people to experience, read, and follow an argument about a historical pro-

blem. Digital history scholarship also encourages readers to investigate and form interpretive associations of their own. (ibidem)<sup>3</sup>

Atualmente, há muitas outras definições e perspectivas correntes para *história digital*. Na Itália, por exemplo, os italianos preferem falar em *storio-grafia digitale*.<sup>4</sup> Além disso, há ainda os que enxergam a *história digital* como uma espécie de sub-ramo da história pública, campo de estudos surgido nos anos 1970 e hoje bem consolidado em países como Austrália, Estados Unidos, Canadá, Alemanha, China, Irlanda, Índia, Nova Zelândia e, nos últimos anos, Brasil. De uma forma geral, ainda se discute se a *história digital* é movimento, campo, área ou metodologia. E, dada a fluidez de quase tudo o que é inerente à cibercultura, é perfeitamente normal que essas definições sejam ainda flutuantes e inexatas.

## COMPUTADORES, BRASIL, HISTORIADORES

É difícil hoje falar em uma historiografia brasileira consolidada sobre a relação entre história e computador, entre história e tecnologia. Há, não obstante, trabalhos e experiências no país que merecem ser mencionados. Uma das experiências mais antigas e importantes foi realizada pelas historiadoras Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ainda na década de 1960. Em setembro de 1969, a universidade paranaense havia instalado o seu Centro de Computação Eletrônica. Para Balhana e Westphalen, bastante entusiasmadas com a proposta da *história quantitativa*, aquela era a oportunidade ideal para aproveitar “o emprego de computadores no processamento de evidências históricas” (Balhana; Westphalen, 1973, p.641-644). Em 1970, as duas pesquisadoras começaram a usar o computador instalado no centro, um IBM 1130, tido como um dos mais avançados da época, em dois projetos do Departamento de História: um sobre navios e mercadorias no porto de Paranaguá, outro sobre história demográfica do Paraná. Dois anos depois, em julho de 1972, elas apresentaram uma comunicação expondo os resultados alcançados. Nessa comunicação, publicada posteriormente na *Revista de História* da Universidade de São Paulo (USP), as historiadoras falaram não apenas das tabelas e estudos comparativos que puderam realizar mediante o processamento de centenas de séries de dados

históricos, de entradas e saídas de embarcações a registros de batizados, mas fizeram uma defesa apaixonada da *história quantitativa* e do uso dos computadores em pesquisa historiográficas. Para elas, o uso do computador possibilitava um “extraordinário alcance” e uma “observação microscópica de *macro-corpus*”, o que permitiria “libertar o historiador de seus julgamentos intuitivos e limitados pelos seus quadros de referência”. É interessante, por sinal, sublinhar a crítica que Balhana e Westphalen, duas historiadoras importantes da época, com trabalhos de relevo em história do Brasil, teceram sobre os historiadores contemporâneos a elas. De acordo com as duas professoras, a área de história, por mais que a *história quantitativa* tivesse avançado, ainda era refratária ao uso de novas tecnologias e às metodologias decorrentes destas.

Os historiadores justamente se acham em retardamento em relação aos demais cientistas sociais. Esse atraso tem tido como consequência que cientistas políticos, economistas, demógrafos, sociólogos e outros, têm produzido História quantitativa, enquanto os historiadores de ofício ainda relutam em praticá-la e mesmo aceitá-la, arraigados que se encontram sobretudo a preconceitos relativos à própria natureza da ciência histórica ... a maior dificuldade encontrada para o seu emprego, dificuldade aliás de quase todos os historiadores que, até aqui, de modo geral, não possuem suficiente formação matemática e estatística, reside na elaboração de programas para o computador ... Este é o problema fundamental a ser resolvido, pois o historiador do futuro “sera programmeur ou ne sera pas”. (ibidem)

Em 1979, Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Pérez Brignoli publicaram um capítulo intitulado “O uso da computação em história”, no livro *Os métodos da história* (Cardoso; Brignoli, 1979). E, nos anos 1980, a Sociedade Brasileira de Pesquisas Históricas (SBPH) e a *Revista de Demografia Histórica* também chegaram a publicar artigos sobre o tema.

Mas foi somente nos anos 1990 que a tecnologia dos computadores se tornou mais presente na agenda dos historiadores brasileiros. O papel da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nesse sentido, é bastante importante. Em 1991, foi fundada em Florianópolis, no âmbito do curso de pós-graduação em história daquela universidade, a Associação Brasileira de História e Computação (ABHC). Como aponta Oliveira, a ABHC, como outras associações nacionais daquele tipo, tinha como funções “promover conferências anuais, organizar cursos específicos sobre história e computação e criar

grupos de historiadores dedicados a pesquisas, à formação de profissionais na área, ao desenvolvimento de *softwares* específicos para historiadores, e à organização de base de dados para a difusão de bibliografias e fontes documentais” (Oliveira, 2005). E foi exatamente isso o que aconteceu: a associação organizou encontros, publicou artigos e chegou até mesmo a implantar, conforme aponta Luciano Figueiredo, uma linha de pesquisa sobre história e informática (Figueiredo, 1997).

A produção bibliográfica sobre “história e computadores” não chegou a deslanchar. Mas teve os seus momentos na década de 1990. Em 1990, Guilherme Pereira das Neves publicou o artigo “O sonho de Comenius: o uso de microcomputadores em uma pesquisa de história social” (Neves, 1990, p.208-214). Em 1994, a revista do CPDOC/FGV, *Estudos Históricos*, publicou o artigo de Charles Dollar, “Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências humanas: o papel crucial da arquivologia” (Dollar, 1994). Em 1997, um capítulo do livro *Domínios da história*, organizado pelos historiadores Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso, da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi dedicado à relação historiador-computador. Escrito por Luciano R. Figueiredo, “História e informática: o uso do computador” tinha o objetivo, segundo o autor, de “estabelecer uma aproximação inicial entre o historiador e o uso do computador”, bem como apresentar “as vantagens que a informática traz ao longo das rotinas de trabalho do pesquisador e do professor de história” (Figueiredo, 1997).

Somente nos primeiros anos da década de 2000 os trabalhos se tornam mais abundantes. Foram artigos, comunicações, teses, dissertações e monografias que trabalham principalmente com ensino de história e a pesquisa historiográfica à luz das mídias digitais.<sup>5</sup> O uso das novas tecnologias pelos historiadores foi contemplado em comunicações, palestras e oficinas oferecidas no I Simpósio Internacional de História Pública, realizado na Universidade de São Paulo (USP), em 2012. Nesse mesmo ano, foi criada ainda a Associação de Humanidades Digitais e um segundo volume do livro organizado por Vainfas e Flamarion foi lançado, intitulado *Novos domínios da história*, que dedicou uma vez mais um capítulo completo ao diálogo entre a história e a informática, escrito por Célia Cristina da Silva Tavares (2012). Nos encontros regionais de história realizados pela Associação Nacional de História (Anpuh), tem sido possível perceber também o destaque que o tema vem ganhando, caso do



simpósio temático “A história *online*: produção e divulgação do conhecimento histórico na internet”, que teve lugar no XIX Encontro Regional de História da Anpuh/MG, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em julho de 2014.

Nos últimos 5 anos, essa expansão da chamada “cibercultura” tem apon-tado para um dos fenômenos políticos, sociais e econômicos mais importantes da história da internet: a explosão das redes sociais *online*.

## AS REDES SOCIAIS E OS HISTORIADORES

Segundo dados da *We are Social*, agência multinacional especializada em pesquisas de mídias sociais, 26% da população mundial (ou 74% das pessoas com acesso a internet) participavam, em janeiro de 2014, de alguma rede social *online*.<sup>6</sup> O Brasil se destaca. O país, que possui 49% de sua população conectada à internet,<sup>7</sup> é o segundo país com o maior número de usuários no Facebook – maior rede social do mundo, com 1,4 bilhão de usuários: 65 milhões de pes-soas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Arno, 2013). A vice-liderança levou a revista americana *Forbes* a publicar em 2013 um artigo intitulado “The Future of Social Media? Forget about the U.S., Look to Brazil” (Homes, 2013). O Brasil é ainda o terceiro país latino-americano que mais acessa o Facebook em celulares ou *tablets*.<sup>8</sup> Se os brasileiros que participam da rede social criada por Mark Zuckerberg formassem um “novo país”, este seria o vigésimo país em população no mundo.

Para o historiador, as redes sociais na internet são valiosas de várias formas. Em primeiro lugar, elas são fontes de pesquisa histórica totalmente inovadoras. Uma espécie de “documento virtual”. Não é difícil entender isso. Grande parte das manifestações sociais e políticas na atualidade, por exemplo, antes de chegarem às ruas, passam por redes como o Twitter, o Facebook, o Youtube ou o Orkut. É nesses espaços, em grande medida, que acontece a política e o engajamento social nos dias de hoje, além de serem essas redes lugares privilegiados para a formação da opinião pública. Como será possível, por exemplo, aos historiadores do futuro (e, por que não, já do presente) compreender as manifestações de 2013 na Praça Tahrir, no Cairo, ou as manifesta-ções populares que se espalharam por todo o Brasil em julho de 2013, sem levar em conta tudo o que foi publicado nessas redes? Ou como abordar o problema do crescimento do neonazismo no mundo sem passar pelos *sites* e

comunidades neonazistas e negacionistas? As redes sociais não explicam todos esses fenômenos, mas certamente são parte fundamental para se entender sua forma e sua natureza dinâmica.

Em segundo lugar, redes sociais na internet funcionam como importantes plataformas de divulgação de história. Muitos historiadores, já atentos a esse uso das redes, se utilizam de seus perfis para divulgar seminários, conferências, artigos e projetos em história. É o caso do professor Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que, além de transmitir videoconferências ao vivo e gravadas, comenta aspectos da história contemporânea brasileira em seu *blog*, o “Brasil Recente” ([www.brasilrecente.com/](http://www.brasilrecente.com/)), e em seus perfis em redes sociais. O mesmo ocorre também no plano institucional. Muitos programas de pós-graduação, arquivos, museus, bibliotecas, faculdades, memoriais e institutos já perceberam a importância de manterem perfis em redes sociais na internet. É através desses canais que essas instituições vão travar o contato com o grosso de seu público, principalmente os mais jovens. Universidades tradicionais, como Harvard e a Brown University, além de centros de pesquisa de excelência, exemplo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), já oferecem boa parte de suas aulas e cursos, gratuitamente, em plataformas virtuais próprias. A tecnologia, nesse sentido, tem permitido superar grandes barreiras geográficas e financeiras. Atualmente, não é preciso necessariamente viajar para acompanhar palestras e conferências de especialistas, organizadas por instituições geográfica e economicamente distantes. A transmissão virtual, em tempo real, não raro com possibilidade para intervenções, tem globalizado experiências e quebrado antigos paradigmas de acesso aos principais centros produtores de conhecimento do mundo.

Outro exemplo da importância das redes sociais para os historiadores é a maneira como os debates e querelas historiográficas se dão atualmente. As redes representam um espaço político e de construção de sentidos sobre a história. Para ilustrar esse item, podemos tomar um episódio ocorrido em março de 2014. O professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Ronaldo Vainfas, publicou um texto em seu perfil no Facebook sobre as efemérides em torno dos 50 anos do golpe civil-militar de 1964, que estavam em seu ápice naquele mês. Esse texto nos interessa aqui já em sua apresentação: “Pensei em fazer um artigo pro *O Globo*, na página dos editoriais, mas o espaço seria mínimo e o número de leitores mais reduzido do que os do Facebook”. Para

Vainfas, ainda que seu número de leitores seja pequeno, o Facebook é visto como um espaço de crítica política e historiográfica mais relevante, abrangente e de maior alcance do que um jornal quase centenário e de circulação nacional. Esse juízo de valor por si só já é digno de destaque. Mas a consequência da publicação do texto de Vainfas nos revela aspectos ainda mais interessantes. Em pouco tempo, o “desabafo” do historiador mostrou que o poder de uma rede social como o Facebook pode ser tudo, exceto limitado. Seu texto fez uma dura crítica a artistas, ex-militantes e até mesmo a pesquisadores que escrevem sobre o tema. “O que a maioria dos pesquisadores produz hoje sobre o golpe de 64 é de embrulhar o estômago de historiadores comprometidos com o ofício, e não com ideologias ou mitologias interesseiras e interessadas.” Polêmica, a publicação rapidamente se difundiu pela internet. O *post* de Vainfas, até a finalização deste artigo, registrava 108 comentários, 293 curtidas e 162 compartilhamentos.<sup>9</sup> Não há como auferir com exatidão o número de pessoas que visualizaram essa publicação, haja vista que o Facebook não disponibiliza os dados de visualização gerados por perfis individuais. Mas tomando como parâmetro a página da rede social Café História no Facebook (administrada pelo autor do presente artigo e que oferece estatísticas oficiais de visualização), *posts* publicados no mesmo período (março de 2014) e que receberam interações semelhantes ao *post* de Vainfas (comentários, compartilhamentos e curtidas), é possível dizer que o texto foi exibido para um público estimado entre 12 mil e 18 mil pessoas. Isso sem mencionar todos os casos de replicação indireta do texto no Facebook. A página “Historien Acadêmica”, por exemplo, administrada pelo Colegiado de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), republicou o texto de Vainfas em um novo *post*, o qual, até o encerramento deste artigo tinha alcançado outros 30 comentários, 79 curtidas e 82 compartilhamentos. Alguns dias depois, vieram as primeiras réplicas, o que tornou o texto de Vainfas ainda mais conhecido. Uma delas, da historiadora Carolina Silveira Bauer, professora de história da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), intitulada “O comprometimento com o ofício do historiador”, foi publicada na revista virtual *Carta Maior* (Bauer, 2014), veículo de grande circulação no meio digital, e acabou indicada ou mesmo reproduzida em redes sociais, *blogs*, fóruns, grupos de *e-mail* e outros *sites*. Se, na década de 1980, a chamada “querela dos historiadores” alemães (*Historikerstreit*), de grande importância para os estudos do Holocausto, se deu nos jornais alemães, hoje, em

países como o Brasil, é impensável ignorar a potência de redes sociais como o Facebook nessas disputas. Tanto quanto os jornais, redes sociais *online* são espaços públicos legítimos de atuação dos historiadores.

Dentro da relação história/redes sociais e historiadores/redes sociais, será relatada, no próximo item, uma experiência à frente da qual estive nos últimos 6 anos: a rede social *online* Café História. O Café é atualmente a maior, ou uma das maiores redes sociais de história na internet, participando de sua estrutura virtual mais de 230 mil pessoas, a maioria com formação e atuação profissional em história. Falar do Café História como caso de estudo nos interessa não só por sua abrangência, mas porque ele tem sido um verdadeiro laboratório de estudos sobre *história digital* e história em redes sociais, compreendendo as três dimensões que acredito terem sido impactadas pelas novas mídias: ensino, pesquisa e divulgação. Vejamos, então, como surgiu, por que foi criado, como funciona e quem participa dessa rede. Como se trata de um projeto desenvolvido pelo autor deste artigo, o texto a seguir encontra-se em primeira pessoa.

#### CAFÉ HISTÓRIA: UMA REDE SOCIAL PARA HISTORIADORES

O Café História (<http://cafehistoria.ning.com>) é uma rede social *online* de história projetada e lançada por mim, Bruno Leal Pastor de Carvalho, no dia 18 de janeiro de 2008. A rede, voltada para estudantes, professores e pesquisadores em história, mas também aberta ao grande público, independentemente de formação profissional, foi construída a partir de um *site* chamado Ning, palavra que, em chinês, significa “paz”. Trata-se de uma plataforma *online* fundada em outubro de 2005, em Palo Alto, Califórnia, por uma destacada personalidade da internet, o cientista da computação Marc Andreessen, desenvolvedor do mais famoso navegador de internet dos anos 1990, o Netscape Navigator. Em linhas gerais, a plataforma Ning permite que qualquer pessoa, mesmo sem nenhum conhecimento de programação, crie a sua própria rede social na internet.

A ideia de criar o Café História originou-se de uma preocupação pessoal e profissional que eu vinha perseguindo havia alguns anos: combinar minhas duas áreas de formação, história e comunicação, em um único espaço virtual. Havia uma lacuna enorme em se tratando de divulgação de história na Internet. *Sites* específicos para esse fim ou não existiam ou eram severamente limitados

em termos de ferramentas e propostas. Além disso, a própria comunicação entre os pesquisadores da área carecia, a meu ver, de uma plataforma *online* centralizada, dinâmica e de simples navegação. Estes foram (e são até hoje) os dois principais objetivos do Café História: promover a interação entre historiadores e divulgar a história para o grande público.

Uma vez definidos os objetivos do Café História e a plataforma onde eu o construiria, deparei com os seguintes desafios: qual deveria ser o formato dessa rede? Que aspectos ela deveria privilegiar? Que parâmetros técnicos e editoriais eu deveria utilizar para assegurar a realização de meus objetivos? Para responder a essas perguntas, realizei o mapeamento e a análise de diversos *sites*, grupos, comunidades, *blogs* e outros projetos *online* já existentes no campo da história. Nessa investigação acabei constatando que produtos dessa natureza não só eram reduzidos e limitados do ponto de vista comunicacional, como também havia uma separação injustificada entre as opções ali existentes: de um lado, estavam páginas que apenas divulgavam conteúdos; de outro, páginas unicamente sociais, isto é, que funcionavam apenas como espaços de discussão. São nichos legítimos, sem dúvida alguma. Mas minha ideia, com o Café História, era fugir desse esquematismo excessivo, não fazer nem uma coisa nem outra, mas sim cruzar essas duas perspectivas. Sem essa dupla efetividade eu não poderia contemplar os objetivos da rede. Tendo isso em mente, o Café História nasceu com uma estrutura híbrida na *web*. É um misto de *rede social* com *portal de conteúdos*.

Em termos técnicos, esse perfil híbrido do Café História significou repensar, inovar e subverter a estrutura que o Ning oferecia. Explico. Todas as redes construídas na plataforma possuem uma identidade bem semelhante. São disponibilizadas aos criadores estruturas modulares padrão, abastecidas pelos participantes da rede: fóruns, vídeos, fotos, bate-papo, grupos (subcomunidades), *blogs* e páginas pessoais. Cada estrutura modular dessas, que corresponde a uma ferramenta social, pode ocupar um lugar diferente na página principal. Nada é fixo. O criador da rede escolhe, inclusive, se usará todas ou apenas algumas. É como uma sala de estar: o dono da casa pode, de tempos em tempos, mudar a configuração do ambiente. Trocar o sofá de lugar com a estante ou a mesa de centro com o revestido. A flexibilidade da plataforma, porém, acaba aí. Em termos práticos, isso me permitiria apenas atingir um objetivo: o de criar um espaço de trocas e interações entre historiadores. Para escapar desse

modelo pouco maleável e assegurar também a criação de um espaço de disponibilização de conteúdo próprio, espalhei várias caixas de textos pela página principal. Tradicionalmente, esse tipo de módulo é usado no Ning para que os criadores das redes divulguem avisos e notícias curtas aos participantes. No Café História, utilizei esse recurso de forma diferente. Esses módulos me serviram para divulgar os conteúdos originais da rede, aqueles produzidos pela administração. Cada caixa de texto virou uma seção específica: resenhas de livros, resenhas de filmes, artigos, matérias e entrevistas.

Antes do lançamento oficial, o Café História ainda demandou muito trabalho: produção dos primeiros conteúdos, desenho da parte gráfica (do cabeçalho aos ícones), escolha do nome,<sup>10</sup> das cores e das fontes, aplicação de um projeto-piloto e, finalmente, a ampla divulgação da rede para o grande público, o que foi feito através de *flyers*, boca a boca e internet. Em pouco tempo, a rede se revelou bem-sucedida. Em apenas uma semana trezentas pessoas já haviam se cadastrado no Café História. Quem se cadastra pode comentar todos os conteúdos da rede, adicionar fotos, vídeos, criar fóruns, publicar mensagens de *blogs* e enviar mensagens para outros membros da rede. Quem não se cadastra, pode acessar a totalidade da rede, ler todos os seus conteúdos. Mas não pode interagir.

Em 6 anos, o Café História alcançou um crescimento significativo para um projeto sem recursos financeiros ou equipe de trabalho própria. Os números de monitoramento, registrados através da ferramenta Google Analytics, nos ajudam a ter a dimensão do seu tamanho. São cerca de 7 milhões de visitantes únicos, entre janeiro de 2008 e janeiro de 2014, e cerca de 20 milhões de páginas da rede acessadas. Entre 4 mil e 8 mil pessoas acessam a rede por dia. São pessoas oriundas de mais de quatrocentas cidades brasileiras e do exterior. Em média, cada pessoa acessa três páginas do Café História e permanece na rede por aproximadamente 3 minutos. Esses números, é importante frisar, possuem ainda uma função estratégica para o gerenciamento da rede: é a partir da leitura e da análise desses gráficos, tabelas e relatórios que tomo as principais decisões. Tais métricas me informam que conteúdos fazem mais sucesso, em que regiões do Brasil o Café História possui maior e menor penetração, que páginas possuem maior rejeição ou quais são os participantes com perfis de lideranças.

Além dos números fornecidos pelo Google Analytics, aqueles registrados no próprio Café História dão conta do tamanho da rede. Em maio de 2014, época de elaboração deste texto, o Café apresentava a seguinte configuração:

56.295 membros cadastrados, 996 grupos de estudos criados, 1.412 fóruns de discussão, 2.872 vídeos, 7.935 fotos e 15.734 postagens de *blog*. No que diz respeito ao conteúdo original, isto é, produzido pela própria administração da rede ou por seus colaboradores, já são mais de cem os textos publicados, entre artigos, reportagens, entrevistas e resenhas.

Mas não são apenas os números que atestam o êxito do projeto. O envolvimento original dos usuários com a rede também. O caso de Renata Araújo Machado, professora de história da Escola Estadual Hosana Salles, localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, ilustra bem esse ponto. A escola atende a alunos da zona urbana e da zona rural nos ensinos fundamental e médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 2013, Machado criou um grupo de estudos no Café História chamado “Escola Prof.<sup>a</sup> Hosana Salles”. Todos os alunos foram inscritos no Café História e, em seguida, no grupo, que se definia da seguinte forma:

Grupo para discussão de temas que envolvem os conteúdos curriculares das disciplinas ministradas por esta unidade de ensino. Também é um espaço aberto para os membros do Café História que desejarem contribuir para o desenvolvimento dos nossos alunos.<sup>11</sup>

No grupo, a professora criou fóruns que abordavam conteúdos de sala de aula, além de fóruns sobre atividades escolares diversas, como passeios e viagens. Outros docentes da escola, que lecionavam diferentes disciplinas, também acabaram participando do projeto, fazendo da inclusão e da interdisciplinaridade suas grandes marcas. Vale destacar ainda que, nesses fóruns, os alunos da escola discutem os conteúdos vistos em sala não só entre si, mas também com outros participantes da rede, evidenciando que a história não é um conhecimento compartimentalizado pelo/do currículo escolar, mas algo vibrante, que interessa às pessoas em geral, um conhecimento que gera debates, polêmicas, discordâncias, enfim, algo que nunca se dá por terminado. O grupo “Escola Prof.<sup>a</sup> Hosana Salles” chegou a ser objeto de uma matéria da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Espírito Santo sobre inovação educacional. Oficialmente, o projeto chamava-se “Tecnologia do conhecimento: integrando história e informática” (Gazoni, s.d.).

Essa experiência é apenas um exemplo de uso democrático e criativo da rede. Há uma série de outros grupos interessantes, entre os quais destaco:

“Concursos, vagas e oportunidades de pesquisa”, criado com o intuito de compartilhar oportunidades de trabalho para pesquisadores e professores de história; “Palestras, cursos e oportunidades”, onde os membros divulgam eventos em história e onde ficam sabendo de outros que estão acontecendo naquele momento, e “Regulamentação do historiador”, grupo onde os participantes acompanham as últimas novidades referentes à regulamentação da profissão de historiador. São quase mil grupos ativos hoje na rede. De forma parecida, mas não igual, funcionam os fóruns e *blogs* que existem dentro da rede. Os primeiros, geralmente discutindo assuntos históricos em voga, enquanto o segundo é um espaço mais livre, onde o participante publica o que deseja, desde poesias até artigos.

O Café História é um organismo vivo, uma rede social *online* que, apesar de apresentar características de portal de conteúdo, como vimos, depende fundamentalmente da força dos usuários, das milhares de pessoas que o acessam e colaboram produzindo conteúdo e interagindo. É um ambiente dinâmica e altamente ramificado. Enquanto alguns grupos se encontram sempre muito movimentados, outros não chegam a se desenvolver plenamente ou apresentam fluxos intermitentes. O mesmo acontece com fóruns. Um debate, por exemplo, sobre história do futebol, pode estar condicionado à realização periódica de um campeonato importante, como a Copa do Mundo, voltando a ser ativo de tempos em tempos e não de forma contínua.

Há 3 anos, em 2011, na tentativa de compreender melhor esse leitor/participante do Café História, disponibilizei através da ferramenta Google Docs uma pesquisa de público voluntária. O questionário foi respondido por 807 pessoas, espontaneamente. Alguns resultados encontram-se nesta tabela:

Faixa etária
38% mais de 40 anos
22% entre 30 e 39 anos
20% entre 19 e 24 anos
16% entre 25 e 29 anos
3% menos de 18 anos
Gênero
54% gênero masculino
46% gênero feminino



#### Escolaridade

30% nível superior incompleto

27% nível superior completo

18% especialização

9% mestrado

3% doutorado

13% outra formação

#### Conteúdo que quer ver mais na rede

45% história contemporânea no Café História

21% história medieval no Café História

20% história moderna no Café História

14% história antiga no Café História

#### Curso universitário

40% já haviam cursado a faculdade de história

29% estavam cursando a faculdade de história

21% haviam cursado outra faculdade

10% não possuíam curso universitário

---

Com uma rede tão ampla e heterogênea, todos os dias a caixa de *e-mails* do Café História recebe dezenas de mensagens. Muitas poderíamos classificar como inusitadas. São pessoas procurando por parentes, amigos, solicitando pesquisas, alunos que pedem orientação acadêmica, ajuda em provas, pedidos de bibliografia e pedidos de avaliação de obras de arte, entre outras. De muitas formas, o Café História acabou se tornando uma referência para profissionais de história, inclusive para questões que extrapolam o escopo original da rede.

A atualização do Café História é feita uma vez por semana pela administração. Vários pesquisadores e professores universitários colaboram com a rede, seja dando entrevistas ou fornecendo artigos exclusivos, o que reforça a vocação colaborativa da plataforma. Quanto à mediação, o volume de trabalho é grande. Conteúdos adicionados pelos participantes passam diariamente por uma filtragem prévia. É impossível (e desnecessário) fazer uma triagem completa de tudo o que sobe ao Café. Mas existe um controle parcial. Fóruns, grupos, fotos e vídeos necessitam autorização antes de serem publicados. Da mesma maneira, novos participantes também precisam ser liberados, após o

cadastro na rede. Tais medidas existem para preservar a coerência da rede e oferecer segurança aos seus participantes. Sem ela, a rede fica suscetível a publicação de conteúdos impróprios ou ofensivos, e também a ataques de perfis maliciosos (*spammers*).

Como qualquer rede social *online* o Café História também enfrenta obstáculos. Discussões que começam acadêmicas, mas acabam envolvendo ataques pessoais, por exemplo, acabam acontecendo de tempos em tempos. Como a rede é muito grande, a colaboração dos próprios participantes tem sido fundamental para realizar esse aspecto do trabalho de moderação, alertando a administração da rede, sempre que necessário, para essas áreas de conflito. Há ainda a atuação dos chamados *trolls*, pessoas que agem como provocadores em ambientes virtuais, inflamadores de discussões, além de *links* maliciosos, que podem levar a *sites* ofensivos ou que contenham vírus.

O Café História passou nos últimos anos por diversas mudanças: mudou as cores, ganhou novas seções, diversificou suas ferramentas. A mudança mais importante, porém, se deu na concepção da estrutura da rede. Ele continua sendo uma rede social construída na plataforma Ning. Esse é o seu núcleo. Mas a ideia do Café História enquanto rede foi ampliada. Em maio de 2014, a rede compreendia também um perfil no Twitter, com mais de 17 mil seguidores, e outro no Facebook, que já ultrapassa 230 mil curtidas. Além disso, o Café História possui um canal próprio no Youtube, o “Café História TV”, superando a marca dos 2.700 inscritos. Por fim, o Café História também tem feito parcerias com universidades, editoras, produtoras e programas de pós-graduação em história. Foram realizadas, com essas instâncias, palestras, concursos, estratégias de divulgação de eventos, oficinas, minicursos, conferências e laboratórios sobre variados assuntos.

## CLIQUE AQUI PARA SAIR (CONCLUSÃO)

Durante muito tempo, as redes sociais foram tomadas apenas como novas formas de entretenimento ou, em não poucas ocasiões, como puro *voyeurismo*. Hoje, no entanto, elas não podem ser classificadas unicamente sob esse ponto de vista. Redes sociais são recursos valiosos para praticamente todas as atividades profissionais. O caso do Café História é um exemplo recente das potencialidades da internet para os historiadores. Pensar nas redes sociais *online* é,

em uma perspectiva mais ampla, pensar nas possibilidades que as novas mídias oferecem à história. A chamada *história digital*, que hoje busca sua legitimação, é um terreno a ser explorado nas três dimensões aqui apontadas: ensino, divulgação e pesquisa. A educação a distância, a digitalização de acervos históricos, os avançados algoritmos matemáticos empregados em buscas documentais, plataformas de compartilhamento de dados e informações, o universo da programação, dos aplicativos, tudo isso é um terreno ainda pouco percorrido pelo profissional de história. Não necessariamente precisamos ser historiadores-programadores, como disse Emmanuel Le Roy Ladurie. Mas é preciso estar atento às novas competências e habilidades que podem ser úteis no *fazer história*.

É evidente que há enormes desafios dentro desse campo. Novas tecnologias possuem um lado intimidador, que mexe com relações de poder há muito estabelecidas e arraigadas em todos os círculos profissionais, inclusive na história. Em 1997, já explicava o filósofo Pierre Levy, ao comentar sobre a cibercultura:

Para o indivíduo cujos métodos de trabalho foram subitamente alterados, para determinada profissão tocada bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoletos seus conhecimentos e *savoir-faire* tradicionais (tipógrafo, bancário, piloto de avião) – ou mesmo a existência de sua profissão –, para as classes sociais ou regiões do mundo que não participam da efervescência da criação, produção e apropriação lúdica dos novos instrumentos digitais, para todos esses a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro” ameaçador. Para dizer a verdade, cada um de nós se encontra em maior ou menor grau nesse estado de desapossamento. A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (Lévy, 2010, p.27-28)

O ofício do historiador não sofreu nenhum abalo estrutural por conta das novas tecnologias. E nem corre o risco de extinguir-se. Nada perto disso. Por outro lado, parece ponto pacífico inferir que, por conta das novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias, a atuação do historiador está passando por uma transformação significativa. É preciso entender esse momento. A universidade,

nesse sentido, possui mais uma vez papel fundamental. É fundamental que os cursos de história, por exemplo, ofereçam disciplinas, eletivas ou obrigatórias, voltadas para divulgação científica, história digital ou história pública. Essas disciplinas são hoje essenciais para se pensar, dentro do curso de história, a elaboração de projetos, princípios de administração, noções de *design* gráfico (principalmente o chamado o *design thinking*),<sup>12</sup> mídias sociais, programação, internet e comunicação social de uma forma geral.

Não podemos fazer das tecnologias uma opção messiânica, como por vezes se fez na história quantitativa. Mas rechaçar ou diminuir a tecnologia, como não raro também se fez, é ignorar uma realidade concreta que pode ajudar no desenvolvimento de vários campos.

Por fim, o “centro de gravidade” da internet pode sofrer descolamentos e as redes sociais *online*, hoje tão festejadas, podem deixar de atrair tanto interesse. Trata-se de um campo altamente volátil. Mas o que mais vale daquilo que foi escrito aqui é o registro histórico de um momento de transformação para a história e para os historiadores. De uma forma mais ampla, o que estamos aqui discutindo é a maneira como nos relacionamos com a tecnologia, a forma como esta nos faz repensar e redimensionar nossa atuação profissional. Redes sociais na internet, assim, são também uma metáfora, um contexto, um pretexto. Algo só possível porque já aprendemos uma lição valiosa: antes de serem redes de computadores, redes sociais são redes formadas por pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ARNO, Christian. Brazil: A social Media Marketer’s Gold Mine. *Social Media Today*. Publicado em 5 abr. 2013. Disponível em: <https://socialmediatoday.com/christian-arno/1337541/brazil-social-media-marketing-gold-mine>; Acesso em: 8 abr. 2014.
- BALHANA, Altiva P.; WESTPHALEN, Cecília Maria. Emprego de Computadores na História. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo, v.46, n.94, p.641-644, abr.-jun. 1973.
- BARROS, José D’Assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. *História Revista*, v.17, n.1, 2012. Disponível em: [www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/viewFile/21693/12765](http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/viewFile/21693/12765); Acesso em: 9 abr. 2014.
- BAUER, Carolina Silveira. O comprometimento com o ofício do historiador. *Carta Maior*. Publicado em 28 mar. 2014. Disponível em: [www.cartamaior.com.br/?/](http://www.cartamaior.com.br/?/)

- Editoria/Política/O-comprometimento-com-o-ofício-do-historiador/4/30587; Acesso em: 8 abr. 2014.
- BROWN, Tim et al. Design Thinking. *Harvard Business Review*, v.86, n.6, 2008.
- BULLOUGH, Vern L. The computer and the historian – Some tentative beginnings. *Comput Humanit*, v.1, 1966.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. O uso da computação em história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Perez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COHEN, Daniel J. et al. Interchange: the promise of digital history. *Journal of American History*, v.95, n.2, 2008. Disponível em: [www.journalofamericanhistory.org/issues/952/interchange/index.html](http://www.journalofamericanhistory.org/issues/952/interchange/index.html); Acesso em: 29 mar. 2014.
- DAUBEZE, Yvette; PERROT, Jean-Claude. Un programme d'étude démographique sur ordinateur. In: EHESS. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Paris, 1972. p.1047-1070.
- DOLLAR, Charles M. Innovation in historical research: A computer approach. *Computers and the Humanities*, v.3, n.3, p.139-151, 1969.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: o papel crucial da arquivologia. *Estudos Históricos*, v.7, n.13, p.65-80, 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1977>; Acesso em: 29 abr. 2014.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.419-509.
- FROGER, Jacques. *La critique des textes et son automatisation*. Paris: Dunod, 1968.
- FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa: Gradativa Publicações, s.d.
- \_\_\_\_\_. Histoire quantitative et construction du fait historique. In: EHESS. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. Paris, 1971. p.63-75.
- GAZONI, Karolina. Alunos da Escola Hosana Salles usam rede social para debater história. *JusBrasil*. Disponível em: <http://gov-es.jusbrasil.com.br/politica/6003946/alunos-da-escola-hosana-salles-usam-rede-social-para-debater-historia>; Acesso em: 8 abr. 2014.
- HOMES, Ryan. The Future of social media. Forget about US and look at Brazil. *Forbes*, 12 dez. 2013. Disponível em: [www.forbes.com/sites/ciocentral/2013/09/12/the-future-of-social-media-forget-about-the-u-s-look-to-brazil](http://www.forbes.com/sites/ciocentral/2013/09/12/the-future-of-social-media-forget-about-the-u-s-look-to-brazil); Acesso em: 8 abr. 2014.

- LADURIE, Emmanuel Le Roy. L'histoire immobile. In: EHESS. *Annales*. Économies, sociétés, civilisations. Paris, 1974. p.673-692.
- \_\_\_\_\_. La fin des érudits. L'historien de demain sera programmeur ou se sera pas. *Nouvel Observateur*, 3 mai 1968. Disponível em: [http://referentiel.nouvelobs.com/archives\\_pdf/OBS0182\\_19680508/OBS0182\\_19680508\\_038.pdf](http://referentiel.nouvelobs.com/archives_pdf/OBS0182_19680508/OBS0182_19680508_038.pdf); Acesso em: 2 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. *The territory of the historian*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- LÉGARÉ, Jacques; LAROSE, André; ROY, Raymond. Reconstitution de la population canadienne au XVIIe siècle: méthodes et bilan d'une recherche. *Recherches socio-graphiques*, v.14, n.3, 1973. p.383-400.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- LUCCHESI, Anita. Entre a "storiografia digital" e a "digital history": um olhar comparativo. In: SEMINÁRIO VISÕES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, 2. As Estações da História do Inverso Russo à Primavera Árabe, 2013. Disponível em: [www.academia.edu/2310957/Entre\\_a\\_Storiografia\\_Digitale\\_e\\_a\\_Digital\\_History\\_um\\_olhar\\_comparativo](http://www.academia.edu/2310957/Entre_a_Storiografia_Digitale_e_a_Digital_History_um_olhar_comparativo); Acesso em: 2 abr. 2014.
- MARRIOTT, Ian. The authorship of the *Historia Augusta*: two computer studies. *Journal of Roman Studies*, p.65-77, 1979.
- NEVES, Guilherme Pereira das. O sonho de Comenius: o uso de microcomputadores em uma pesquisa de história social. ENCONTRO DA ANPUH-RJ, 4. *História Hoje*: balanços e perspectivas. (Anais) Rio de Janeiro: Taurus; Timbre, 1990. p.208-214.
- OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Ciberhistória. *Revista Museu*, 2005. Disponível em: [www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=6752](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=6752); Acesso em: 9 abr. 2014.
- PROWN, Jules David. The Art Historian and the Computer: An Analysis of Copley's Patronage 1753-1774. *Smithsonian Journal of History*, p.17-30, 1966.
- RHOADS, James B. The historian and the new technology. *American archivist*, v.32, n.3, p.209-213, 1969.
- ROBINET, André. Descartes à l'ordinateur. *Les études philosophiques*, p.219-233, 1970.
- SHORTER, Edward. *The historian and the computer: a practical guide*. Michigan: Michigan University Press, 1975.
- SWIERENGA, Robert P. Computers and comparative history. *The Journal of Interdisciplinary History*, v.5, n.2, p.267-286, 1974.
- TAVARES, Célia Cristina da Silva. História e Informática. In: CARDOSO, Ciro Fla-

marion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.301-318.

THERNSTROM, Stephan. The Historian and the Computer. In: BOWLES, Edmund A. *Computers in humanistic research: readings and perspectives*, 1967.

## NOTAS

<sup>1</sup> BARROS, 2012. História serial e história quantitativa, por vezes, são tomadas como sinônimos, mas há uma diferença entre ambas. Segundo José D'Assunção Barros, "História Serial refere-se ao determinado tipo de fontes – homogêneas, do mesmo tipo, referentes a um período coerente com o problema a ser examinado ... Já a História Quantitativa deve ser definida por um outro cenário: o seu campo de observação".

<sup>2</sup> Cf. SHORTER, 1975; MARRIOTT, 1979; THERNSTROM, 1967, p.73; LADURIE, 1979; BULLOUGH, 1966, v.1, p.61-64; SWIERENGA, 1974; DOLLAR, 1969; PROWN, 1966; RHOADS, 1969, p.209-213; LADURIE, 1974; LÉGARÉ; LAROSE; ROY, 1973; ROBINET, 1970, p.219-223; DAUBEZE; PERROT, 1972; FROGER, 1968.

<sup>3</sup> "História digital é uma abordagem para examinar e representar o passado que lida com as novas tecnologias comunicacionais do computador, com a rede mundial de computadores e com os sistemas de *software*. Por um lado, a história digital caracteriza-se por ser uma arena aberta para a produção do conhecimento escolar e para a comunicação, pois abrange o desenvolvimento de novos materiais para cursos e de coleções de dados do conhecimento escolar. Por outro lado, configura-se como uma abordagem metodológica moldada pelo poder hipertextual das referidas tecnologias de formular, definir, questionar e tomar nota das associações no registro humano do passado. Produzir história digital é, então, criar uma moldura, ontologia, por meio da tecnologia, para que as pessoas possam experimentar, ler e acompanhar um argumento acerca de um problema histórico. O ensino da história digital encoraja, igualmente, os leitores a investigar e a formular suas próprias associações interpretativas" (trad. Breno B. Magalhães).

<sup>4</sup> Sobre isso, ver: LUCCHESI, 2013.

<sup>5</sup> O volume de trabalhos é tão vasto que seria impossível citar todos neste espaço. Entre os autores desta "nova safra" estão Anita Lucchesi, Dilton Cândido Santos Maynard, Camila Guimarães Dantas, Célia Cristina da Silva Tavares, Leandro Coelho de Aguiar e Ricardo Pimenta, entre outros.

<sup>6</sup> Ver: <http://wearesocial.net/blog/2014/01/social-digital-mobile-worldwide-2014>; Acesso em: 9 abr. 2014.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> USO do Facebook em celular beira 60%. *O Estado de S. Paulo*, Caderno Link. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/quase-60-usam-facebook-em-aparelho-movel/>; Acesso em: 8 abr. 2014.

<sup>9</sup> Ver publicação no perfil de Ronaldo Vainfas no Facebook, 23 mar. 2014: [www.facebook.com/rvainfas](http://www.facebook.com/rvainfas); Acesso em: 3 abr. 2014.

<sup>10</sup> O café é uma bebida universalmente conhecida e apreciada. Sua pronúncia é praticamente a mesma em quase todas as línguas e ainda é sinônimo de cafeteria, espaço agregador e de ponto de encontro para pessoas. Da Ásia à Europa, passando pelas Américas, a imagem do café inspira a troca de ideias, a conversa. Um lugar certamente tradicional, mas que é, hoje, ao mesmo tempo, modernizado, como nos *cybercafés*. Além disso, para os historiadores o café remete a um dos ciclos econômicos mais importantes da história do Brasil. Essas são as justificativas do nome Café História.

<sup>11</sup> Ver: <http://cafehistoria.ning.com/group/escolaprofhosanasalles>; Acesso em: 8 abr. 2014.

<sup>12</sup> O chamado *design thinking* é um conceito/metodologia em *design* bastante utilizado atualmente. Ele parte do princípio de que o *design* possui uma função social no mundo. Tal concepção vai além da fabricação de objetos. O *design thinking* é uma forma de conceber a gestão da informação e de se pensar os mais diversos projetos. Esse conceito tem sido utilizado em múltiplos contextos, desde a distribuição de água potável até o desenvolvimento de setores de comunicação em ambientes institucionais. No campo da história, o *design thinking* pode ser muito útil para o desenvolvimento de sistemas de informação em âmbito acadêmico e na elaboração de campanhas de divulgação de eventos e pesquisas. Sobre o tema, ver: BROWN, 2008, p.84.

---

Artigo recebido em 30 de maio de 2014. Aprovado em 27 de junho de 2014.